

Racismo e Sexismo Sofrido por Mulheres Negras no *Facebook*¹

Tuane Pacheco da SILVA²
Claudomilson Fernandes BRAGA³
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

Esse artigo teve como finalidade analisar casos de preconceito racial e de gênero sofridos por mulheres negras na mídia social *Facebook*, atualmente denominados de *webpreconceito* buscando verificar se essa plataforma foi facilitadora da agressão e se as mulheres negras sofreram mais preconceito de raça ou de gênero. A metodologia utilizada classificou-se como qualitativa. Foram realizadas entrevistas pessoais com uma amostra aleatória por conveniência formada por quatro mulheres negras. Chegou-se à conclusão que a raça é uma problemática maior do que o gênero no que se refere ao preconceito contra a mulher negra e que a ferramenta *Facebook* propicia agressões pelo seu caráter impessoal, no sentido de que não existe um contato face a face.

Palavras-chave: preconceito; raça; gênero; mulher negra; mídias sociais.

Introdução

O Brasil, país conhecido por sua miscigenação, é um território que abriga pessoas de diferentes raças, como a negra, a parda e a branca. Apesar de existir essa mistura, isso não significa que exista uma democracia racial. Sabe-se que o negro e o pardo são alvos de preconceito devido à sua cor de pele, o que é refletido na questão dos privilégios, pois o branco, geralmente, tem mais acesso às condições básicas de vida como educação, saúde, segurança, dentre outras. Isso se dá devido a uma herança cultural, já que os negros no Brasil eram, antigamente, os servos, os escravos.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, na época da colonização, eles utilizaram da mão de obra escrava negra nos engenhos para a produção de café e açúcar. As condições de vida dessa população eram precárias, pois eles trabalhavam por horas a fio, muitas vezes embaixo do sol, sem que fosse fornecida uma alimentação adequada. Apesar de a escravidão ter sido abolida, as condições de vida oferecidas ao negro hoje são ainda,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em São Paulo realizado de 05 a 09 de setembro de 2016.

² Estudante do 8º período do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Goiás – UFG, e-mail: tuane@dasilva@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor e coordenador do Curso de Comunicação Social (Habilitação em Relações Públicas) da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás – UFG, e-mail: milsonprof@gmail.com.

precárias. Os negros têm pouco espaço na sociedade, por exemplo, ao participar de uma entrevista de emprego, muitas vezes, ele não preenche o cargo devido à sua cor da pele, isso causa um encadeamento de deficiência de oportunidades para os negros, que por terem dificuldades para conseguir empregos, acabam tendo que morar na periferia, e tendo baixas condições econômicas, causando a dificuldade em investir financeiramente em uma boa educação, em bons atendimentos médicos, dentre outros exemplos.

Os negros não são o único grupo que sofrem da falta de acesso às condições básicas de vida, sofrem também, as mulheres. Além do racismo, que é a diferença de tratamento que o negro sofre em relação ao branco, o machismo também é algo muito presente na sociedade brasileira devido às tradições passadas em que o homem era tido como o líder da família, e a mulher subordinada. Tido como o sexo frágil, o gênero feminino é tratado como inferior não só no aspecto econômico, mas em todas as áreas humanas. Para elas, torna-se difícil, por exemplo, adentrar no mercado de trabalho, pois a maioria das empresas busca funcionários do gênero masculino. A mulher é alvo, portanto, de ofensas e violências em virtude de seu gênero sexual.

Uma plataforma em que todos esses temas acabam sendo muito discutidos atualmente é na internet. Através das mídias sociais, a internet tem permitido o diálogo, a interação e o compartilhamento de opiniões no mundo virtual. Esse fenômeno gera o debate público, em que são explicitadas concordâncias e discordâncias sobre diversos assuntos. Nesse ambiente, a comunicação não depende de um único emissor, já que todos podem ser produtores de conteúdo.

Devido ao fato de que no ambiente virtual, principalmente no que se diz respeito às mídias sociais, tem-se a liberdade de propagar conteúdos opinativos que nem sempre fazem parte do pensamento da população em geral, essas mídias têm servido para a propagação de conteúdos conflitantes e, muitas vezes preconceituosos, mas muitas vezes também, têm servido como instrumento de denúncias.

O trabalho a seguir apresentará um referencial teórico sobre preconceito, raça, gênero, mulher negra, mídias sociais e crime virtual advindo de artigos e livros. A seguir, aparecerá a metodologia de coleta dessa pesquisa qualitativa, que se deu através de entrevistas pessoais realizadas com mulheres negras, para por fim serem expostas as análises feitas sobre as respostas dadas pela amostra.

Referencial Teórico

A Mulher Negra Enquanto Alvo do Preconceito de Raça e Gênero

O preconceito trata-se de um pensamento na maioria das vezes irracional, já que não se baseia em fatos lógicos. As ações preconceituosas são realizadas simplesmente porque o homem acredita ser superior do que certo indivíduo ou grupo, quando na maioria das vezes, nada o torna melhor do que essas outras pessoas, principalmente porque o preconceituoso geralmente não busca adquirir conhecimento aprofundado sobre o grupo ou indivíduo o qual exclui, e muitas vezes, agride.

A sociedade tende a agir por “achismos”, pelo fato de acreditar que certo alguém seja de uma maneira que às vezes não é. Um exemplo ilustrativo seria o fato de que ao ver um homem negro se aproximando muitas pessoas atravessam para o outro lado da rua por acreditar que ele possa ser perigoso.

[...] Allport (1954, p. 7) afirma que o preconceito é uma atitude hostil e de aversão em relação a uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente porque ela pertence a esse grupo, e, portanto, presume-se ter qualidades que são atribuídas a esse grupo (PELINSON; OLIVEIRA, 2014, p. 03-04)

Para o negro, por causa dos preconceitos, torna-se difícil alcançar posições de ascensão. De acordo com a mentalidade da população, parecem ser destinadas aos negros às posições marginalizadas. O negro pode ser empregado doméstico, motorista e até criminoso, mas não intelectual, pesquisador ou investigador aos olhos da sociedade, isso devido à herança cultural da escravidão.

Para alguns brancos (e outros que assim se supõem), parece só haver um jeito suportável de ser negro: aquele ligado ao fracasso, à vulnerabilidade, ao servilismo, à dependência e à inferioridade introjetada. Negros e negras fortes, ativos e vencedores parecem um insulto para esses brancos. [...] (CARNEIRO, 2011, p. 124-125)

A memória coletiva do povo não permite que o negro tenha uma boa autoestima mesmo nos dias atuais. As mídias nas novelas, e nas campanhas publicitárias propagam essa ideia de que o negro, só pode ter papéis subalternos.

A segregação racial gera essa falta de privilégio dos negros que nunca atingirão posições de destaque por terem oportunidades negadas. O negro vive em situações marginalizadas porque não é bem aceito,

Percebe-se então que apesar de existir a décadas, o preconceito racial está ainda muito presente, e deve ser contestado. Ao longo dos anos e ao redor do mundo, várias medidas já foram tomadas, várias manifestações e passeatas já foram feitas, no entanto, infelizmente, essas lutas não têm sido suficientes para mudar a cabeça da população.

A desigualdade de oportunidades entre brancos e negros e os casos cada vez mais gritantes de discriminação racial dentro da sociedade brasileira levaram em 1988 à aprovação, nos trabalhos da constituinte, da Lei 7.716, que considerou o racismo crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão. Em junho de 1993 foi criada, em São Paulo, a primeira delegacia de crimes raciais do País. Essas medidas oficiais demonstram que as autoridades, que até então pregavam a democracia racial, reconhecem que o Brasil enfrenta sérios problemas raciais (FERREIRA, 2003, p. 222)

Mesmo com os movimentos contra a discriminação racial e com as medidas judiciais tem sido muito difícil solucionar esse problema social que vem de longa data, pois a mídia não luta pela mudança dessa mentalidade, mas ainda divulga a ideologia do branqueamento.

Toda sociedade tem os seus mitos e tabus. No Brasil, a ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial foram desejos e metas sociais construídos historicamente para apagar a herança africana, a “mancha negra da escravidão”, sendo responsáveis pela dificuldade de grande parcela dos afro-brasileiros em cultivar a sua auto-estima. Na virada para o século XXI, passados mais de cem anos do início do movimento eugenista, negros e índios continuam vivendo as mesmas compulsões desagregadoras de uma auto-imagem depreciativa, gerada por uma identidade racial negativa e reforçada pela indústria cultural brasileira, a qual insiste simbolicamente no ideal do branqueamento, sendo um dos seus corolários o desejo de euro-norteamericanização [...] (ARAÚJO, 2000, p. 25)

Além do preconceito racial, algo que pode ser muito visto na contemporaneidade são ações preconceituosas em relação ao gênero, o que ocorre devido ao sexismo.

A diferença entre os gêneros femininos e masculinos agregada a um fator discriminatório devido a tal diferença, incluindo também homossexuais, transexuais e hermafroditas é considerada sexismo. Trata-se da idéia de superioridade baseado no sexo ou opção sexual. As mulheres são alvos comuns de ações discriminatórias e preconceituosas. Historicamente, as mulheres sempre foram consideradas o sexo frágil, vulnerável e submisso diante a suposta superioridade masculina [...] (MOREIRA, 2012, p. 05-06)

O sexismo também é pautado no fato de um grupo se achar superior ao outro, pautado em uma desigualdade irracional e que advém de pensamentos antigos, de uma sociedade em que as mulheres não tinham voz alguma. Nesse trabalho, serão expostas especificamente características do sexismo que visa valorizar o homem, e que tem as mulheres como inferiores, o mundialmente conhecido machismo.

Historicamente as mulheres sempre foram vistas como mais frágeis, menos inteligentes, enquanto o homem sempre foi visto como forte. Na infância, por exemplo, as meninas precisam ser meigas quietas mesmo que gostem de falar, enquanto os meninos precisam se destacar em jogos e atividade envolvendo o corpo. Com a revolução feminista que teve início no século XIX muita coisa mudou, porém a mulher ainda é desvalorizada culturalmente. Esse sexismo percebido já não aparece tanto na “superfície”, devido à visão politicamente correta de que não se deve ter preconceitos. Porém, as implicaturas o deixam escapar [...] (SILVA; OLIVEIRA; MOREIRA, 2014, p. 04-05)

Algumas características comprovam que vivemos em uma sociedade predominantemente machista como o fato de muitas mulheres não conseguirem emprego em determinadas áreas apenas pelo fato de serem mulheres, ou quando conseguem empregos, não obtém o mesmo salário que um homem recebe pelo mesmo cargo, ou o fato de elas serem destinadas automaticamente a realizarem trabalhos domésticos em suas casas em vez de seus maridos que devem cuidar do sustento da família.

As mulheres têm lutado pela igualdade de gêneros, pois mesmo que biologicamente e fisicamente, homens e mulheres sejam diferentes isso não implica que eles não possam ter os mesmos direitos.

Anos de luta foram necessários para que as mulheres – no caso, as ocidentais – alcançassem uma maior igualdade (mas não total) entre os gêneros. Hoje, a mulher vive de uma maneira que até algumas décadas atrás seria impensável – possui participação política, estuda, trabalha e exerce uma liberdade muito maior. Todavia, o machismo, mesmo que muitas vezes apresentado de modos diferentes, persiste até hoje. As crianças ainda são criadas sob a lógica do “isto é para meninos” e “isto é para meninas”; desde cedo aprendem que meninos podem brincar na rua, jogar futebol e falar palavrão, mas uma menina deve ser comportada, educada e delicada (TAVARES; PRADO; CABRAL; GROHMANN, 2015, p. 04)

Ao falar de preconceito racial e de gênero, sabe-se que em ambos os casos, a parcela mais afetada é a mulher negra que por sua raça é tida como inferior ao branco e, além disso, inferior ao homem devido ao fato de ser mulher.

Na época da escravidão eram também elas as que mais sofriam. Mesmo sabendo que homens eram abusados fisicamente, as mulheres também eram e sem ser considerado o seu porte físico que é biologicamente menos forte do que o do gênero masculino.

Para Dias (2013, p. 360)

Para as mulheres de origem africana que viveram como escravas nas grandes propriedades rurais do Brasil, sobreviver já era uma vitória. Distantes de suas redes familiares originais, elas constituíam minoria no plantel de escravos, majoritariamente masculino. No Brasil, vistas mais como mercadorias do que como seres humanos. Essas mulheres foram obrigadas a trabalhar e sobreviver em condições extremamente precárias, que incluíam se submeter a constantes maus-tratos, além da violência inerente ao sistema escravista

Até mesmo dentro de seu próprio grupo, quando levamos em consideração o gênero especificamente, a mulher negra é tida como subalterna, pois ela é menos valorizada que a mulher branca que apesar de sofrer injustiças e desigualdades ainda tem a chance de ascensão social enquanto que para a mulher negra isso beira o impossível, os casos são raros.

As mulheres negras assistiram, em diferentes momentos de sua militância, à temática específica da mulher negra ser secundarizada na suposta universalidade de gênero. Essa temática da mulher negra invariavelmente era tratada como subitem da questão geral da mulher, mesmo em um país em que as afrodescendentes compõem aproximadamente metade da população feminina. Ou seja, o movimento feminista brasileiro se recusava a reconhecer que há uma dimensão racial na temática de gênero que estabelece privilégios e desvantagens entre as mulheres. Isso se torna mais dramático no mercado de trabalho, no qual mulheres negras são preteridas (no acesso, em promoções e na ocupação de bons cargos) em função do eufemismo da “boa aparência”, cujo significado prático é: preferem-se as brancas, melhor ainda se forem louras (CARNEIRO, 2011, p. 121)

No pensamento coletivo, quando a mulher negra consegue ascender, isso sai em todas as notícias e é comentado por todos, pois mesmo a maioria das pessoas dizendo que não são preconceituosas, elas provam estarem erradas quando tratam esses casos como se fossem algo extraordinário, casos que devem sim ser celebrados, no entanto, a ascensão da mulher negra deveria fazer parte do cotidiano, mas não faz porque a sociedade não permite ao barrar os caminhos para que essa mulher chegue ao topo.

De regra, considera-se satisfatório que, em um conjunto de aproximadamente metade da população feminina do país, apenas uma ou outra negra ocupe posição de importância. E, ademais, esses casos solitários são emblemas utilizados para desqualificar as denúncias de exclusão racial [...] (CARNEIRO, 2011, p. 119)

Essa classe possui acesso a tipos específicos de trabalho por serem julgadas como não adequadas a cargos de grande importância, quando conseguem emprego são funções mecânicas, geralmente advindas de algum tipo de trabalho manual.

As mulheres negras brasileiras compõem, em grande parte, o contingente de trabalhadores em postos de trabalho considerados pelos especialistas os mais vulneráveis do mercado, ou seja, os trabalhadores sem carteira assinada, os autônomos, os trabalhadores familiares e os empregados domésticos (CARNEIRO, 2011, p. 129)

Pertencentes a dois grupos sociais marginalizados, o grupo das mulheres, e o grupo dos negros, a mulher negra sofre diversos tipos de violência em todos os cantos do mundo. Essa parcela da sociedade tem grande número de mortes e de estupros ocorrentes apenas por serem quem são.

Essas mulheres sofrem não só nas ruas, mas também nas mídias, em que os agressores, mesmo que não fisicamente, atacam a elas com insultos por acreditarem em uma inferioridade inexistente das mulheres negras.

As Mídias Sociais e o Crime Virtual

Faz-se presente atualmente um contexto de globalização em que as informações não chegam só rapidamente ao outro mas em qualquer distância que essa pessoa esteja, em lados opostos do globo um indivíduo pode ler o que o outro escreveu no exato momento de sua publicação, e se identificar com o que foi dito. As pessoas que produzem conteúdo na internet não só tem seu conteúdo lido, mas assimilado, admirado, às vezes o que alguém escreve serve de inspiração para outra pessoa. É por isso que os *bloguers* e *vloguers* têm ficado tão famosos rapidamente, pois muita gente se identifica com o que eles dizem.

Para Ramalho (2010, p. 7) “Formadores de opiniões, que antes eram contados nos dedos da mão, hoje são incontáveis.”.

Existe nesse cenário de ascensão das redes sociais uma colaboração de informações criadas por outros. “Como em nenhum outro momento da história, o cidadão comum, até

então um ilustre desconhecido e apenas mais um número nas estatísticas, passou a ditar regras e se fazer ouvir.” (RAMALHO, 2010, p. 7).

Esse conteúdo produzido por pessoas anônimas, no sentido de que não são extremamente conhecidas perante a sociedade como um todo, é ainda disseminado de forma rápida, pois essa instantaneidade é uma característica do mundo digital. Então o fato de muitas vezes as pessoas publicarem pensamentos sérios sem se preocuparem com o que alguma ou outra pessoa irá achar disso é errôneo já que em poucos segundos todos podem ter acesso à informação que esse ser divulgou.

Para Ramalho (2010, p. 7) “Quem antes apenas lia as notícias agora passa a produzi-las. Com um celular na mão, qualquer um pode registrar uma notícia que será divulgada mundialmente em questão de minutos ou horas.”.

Palco de discussões interativas, as redes sociais acabaram por criar também um canal de confusões ideológicas, e por ser um local com muita gente presente, acaba de fato sendo um espetáculo, por exemplo, se alguém publica na foto de uma mulher negra um comentário racista ou sexista, certamente abaixo dessa publicação irão surgir diversos comentários em tom de discordância ou concordância com a opinião desse agressor. E mesmo quando as pessoas não concordam explicitamente através de um outro comentário, no *Facebook* a opção de curtir o comentário de alguém acaba sendo também uma forma de controlar quantas pessoas concordam ou discordam do que foi dito.

No entanto, com a evolução da sociedade, a violência tem se firmado muito mais no campo psicológico do que físico, quando antes tínhamos guerras como os maiores expoentes da violência, hoje tem a violência civil, que causa além de danos materiais, também os psicológicos, pois somos obrigados a viver presos dentro de casas com grades e alarmes, e com a tecnologia acabamos criando a violência virtual, um novo modelo que permite atingir milhares de pessoas em todo o mundo e de maneira anônima sem ter para quem responder e nem como ser responsabilizado na maioria dos casos (VOLCAN, 2011, p. 04)

Apesar de essa problemática ser difícil de ser resolvida pela dificuldade e rastrear os perfis, existem medidas que tentam reduzir ao máximo o número de casos de preconceito na internet, medidas essas que englobam não só a criação de leis, mas mecanismos como a opção de denúncia da mídia social *Facebook*.

De acordo com o Artigo 20, Lei no 7716/89, “Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional” é considerado crime com pena de reclusão de um a três anos

mais multa. Cyberbullying pode dar cadeia (FIUZA; GONÇALVES; ALCANTARA, 2012, p. 05)

Amostra, metodologia de coleta e Análises

A amostra se constitui de uma representação relevante de sujeitos de uma população. A amostra utilizada nesta pesquisa foi coletada de forma aleatória e por conveniência, ou seja, foram selecionados membros da população que fossem mais acessíveis. Esse tipo de amostra se torna vantajosa quando se deseja informações rápidas e de forma econômica.

A amostra é composta por 4 mulheres negras de Goiânia, escolhidas de forma aleatória, que participam ativamente do *Facebook* através de uma conta pessoal própria. A faixa etária dos componentes da amostra está entre 18 e 26 anos de idade.

O método de coleta de dados usado nesta pesquisa de caráter qualitativo consistiu em entrevista pessoal. Foram entrevistadas no mês de fevereiro de 2016 na cidade de Goiânia, quatro mulheres negras com uma faixa etária entre 18 e 26 anos.

Composta por 10 perguntas abertas, as questões da entrevista foram respondidas na presença da entrevistadora. As entrevistadas são participantes ativas da mídia social escolhida para a análise, o *Facebook*.

A análise dos dados coletados foi feita a partir da perspectiva de Laurence Bardin, criadora da teoria explicitada e nomeada com base em sua obra “Análise de Conteúdo”.

Segundo Bardin (1977, p. 38), “[...] a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.”. Essa análise diz respeito ao uso de métodos comunicacionais para analisar um conteúdo descrito através de indicadores para que se possa fazer inferências sobre o tema.

Para que essa análise seja feita é necessário que antes ocorra uma pré-análise, depois são realizadas as categorizações, as codificações, as classificações, e por último o tratamento de resultados.

Após a aplicação da pesquisa e recolhimento das amostras, os dados foram tabulados da seguinte forma, de acordo com Bardin:

Categorias	Palavras-chave	Frequência
------------	----------------	------------

Gênero	Vestuário (2) Machismo (1) Salário (2) Sexo frágil (4)	23%
Raça	Cabelo (6) Cor (9) Cotas (3) Macaco (2) Escravidão (4)	62%
Crime virtual	Perfil falso (1) Liberdade de expressão (3) Contato físico (2)	15%
	Total: 39	100%

De acordo com a tabela, percebe-se que as entrevistadas, em suas falas sobre preconceito com a mulher negra no *Facebook*, deram maior importância à discussão sobre raça, indicando que o racismo tem mais impacto sobre elas do que o sexismo e do que a maneira em como ocorre o crime virtual na mídia social. Pela variedade de termos utilizados na categoria raça e quantidade de vezes que cada palavra foi citada percebe-se ainda que a mulher negra tende a sofrer mais preconceito por ser negra do que por ser mulher, já que ela possui características mais julgáveis pela sociedade a respeito da sua raça.

A mulher negra possui cabelo e cor diferentes em relação às outras raças o que faz com que ela sofra preconceito e, além disso, ainda existe o fator da escravidão, ou seja, o preconceito racial é histórico, ele advém de momentos anteriores e acabou sendo passado para as gerações que se seguiram. O sistema de cotas também é duramente criticado pelos preconceituosos, pois muitos não acreditam que os negros, apesar de serem minoria, necessitam de um sistema diferente do universal para passarem no vestibular e entrarem em uma universidade. Outro termo percebido na fala das entrevistadas foi a comparação que os racistas fazem entre pessoas negras e o animal macaco. Os preconceituosos de raça, portanto, discriminam os negros por motivos diversos.

O gênero também torna a mulher alvo de preconceito, principalmente pelo fato de o gênero feminino ser conhecido como o sexo frágil. Esse tipo de discriminação advém do machismo, em que se acredita que o homem é superior em relação à mulher. Isso faz com que existam algumas barreiras a serem ultrapassadas pelas mulheres ainda, segue o exemplo citado pelas entrevistadas, muitas mulheres sofrem preconceito por seu vestuário, ou por

usarem short curto e serem tidas como mulheres levianas, ou até mesmo por usarem roupa larga e serem criticadas por não agirem de forma feminina o suficiente. Uma consequência da desigualdade de gênero, citada nas falas de duas entrevistadas é o salário, em que a mulher muitas vezes ganha muito menos do que o homem para exercer as mesmas funções na mesma empresa.

Ao analisar o preconceito racial e de gênero que ocorre especificamente na mídia social *Facebook*, buscou-se saber das entrevistadas se elas acreditam que essa plataforma propicia, ou facilita a agressão. Em suas respostas podem ser percebidos três motivos do por que elas acreditam que o *Facebook* propicia a agressão, são eles o fato de que nessa ferramenta os usuários podem criar perfil falso, o que permite que eles falem o que quiserem sem receio; a liberdade de expressão dada nessa rede, em que você produz textos da maneira que achar conveniente sem que eles passem por nenhum tipo de filtro, revisão ou edição antes de serem publicados para que várias pessoas tenham acesso; e por fim a situação em que se encontra o agressor que geralmente não está perto da vítima no momento da publicação, o que faz com que ela não possa revidar, já que não se tem um contato físico. Ou seja, as mulheres negras abordadas na pesquisa creem que o *Facebook* é um facilitador para a agressão contra o outro.

Algumas Considerações

Após esta análise podemos concluir que a mulher negra enquanto objeto de agressões no *Facebook* sofre mais pela sua raça do que pelo seu gênero. Isso se dá de tal forma que essas mulheres são contempladas em suas páginas e perfis com críticas às suas características físicas descendentes da raça negra, além de serem julgadas pela história de seus ancestrais e antecessores que sofriram de forma mais agressiva o racismo através da segregação no trabalho e em outros campos. Pelo fato de essas realidades serem naturais, ou seja, não serem de escolha delas, como o seu passado e a sua aparência, os agressores tendem a serem mais violentos quanto a esses quesitos, pois sabem que essas realidades são inalteráveis. No caso do gênero, são feitas também críticas em relação a ideologias do passado, mas mais do que isso, as pessoas subestimam as mulheres, dizendo que são do sexo frágil dentre outros comentários que podem ser rebatidos por elas, caso elas se mostrem empoderadas. Como esse cenário é mais alterável do que o de suas raças, a mulher sofre

menos nesse quesito, pois ela tem mais argumentos e maneiras de revidar ao discurso machista do que ao discurso racista.

Outra conclusão a que podemos chegar é que apesar desses preconceitos já ocorrerem nas ruas, nos dias atuais eles têm sido facilitados pelo surgimento das mídias sociais, mais especificamente do *Facebook*. Uma justificativa para a ocorrência desse fato, além de, como já foi afirmado, essa ferramenta permitir uma liberdade de expressão aos usuários, seria que o agressor está protegido pela tela, ou seja, ao utilizar de discursos pautados na ofensa no espaço dessas mídias, ele não tem contato físico com o agredido, estando protegido pela tela do computador, caso a pessoa queira revidar ao insulto. Além disso, muitos agressores vivem no anonimato através da criação de perfis falsos, eles se escondem do outro lado.

A categoria raça teve frequência de 62%, enquanto a categoria gênero teve 23%, o que comprova a predominância do preconceito racial contra a mulher negra. Enquanto isso, 15% da frequência total diz respeito aos motivos elegidos pelas mulheres negras entrevistadas que justificam o *Facebook* como plataforma facilitadora de agressão.

De acordo com Wanzinack; Reis (2015, p. 02-03)

Da mesma forma que as redes sociais facilitam a comunicação, interação e troca de conhecimento entre as pessoas, elas podem também ter um efeito de influenciar comportamentos tanto de forma construtiva quanto de modo contraproducente. Em alguns casos, podem incitar determinadas atitudes, podendo gerar violências que se propagam tanto no âmbito virtual, através de mensagens agressivas (verbais, escritas ou imagens), quanto ser externalizada a outras pessoas sob forma de agressões físicas presenciais

As mídias sociais através da liberdade de expressão fornecida permitem que o ser humano discorra sobre assuntos diversos com base em sua opinião própria, o que pode gerar conflitos, pois muitos confundem essa liberdade de expressão advinda das mídias sociais com o direito à expressão livre, por mais que esses discursos possam ser dotados de preconceito. Os agressores pensam que pelo fato de essas mídias serem um espaço em que a publicação de um conteúdo e a maneira como isso se dá é de total escolha do usuário, eles podem discorrer sobre assuntos que envolvem as relações humanas como tema sem levarem em consideração o grupo social que será atingido por essas declarações.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: O negro na Telenovela Brasileira**. Rio de Janeiro: Senac, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

DIAS, Maria Odila. Escravas: resistir e sobreviver. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

FERREIRA, Ricardo Alexino. A desconstrução do estereótipo nos meios de comunicação social. In: BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção (org.). **De preto a afro-descendentes: trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, 2003.

LEMOS, André. Ciber-cultura-remix. In: ARAÚJO, Denize Correa (org.). **Imagem (ir)realidade: comunicação e cibernídia**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

RAMALHO, José Antônio. **Mídias Sociais na prática**. São Paulo: Elviesier, 2010.

XII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL - INTERCOM, 12, 2011, Londrina. **A construção da violência em comunidades virtuais no Orkut**. Londrina: Intercom, 26 a 28/5/2011. Disponível em: (<http://www.intercom.org.br>). Acesso em: 16/12/2015.

XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE - INTERCOM, 16, 2014, João Pessoa. **A Abordagem de Gênero no Discurso Publicitário: Um Estudo de Caso do Vídeo Publicitário Slow Dove Men +Care**. João Pessoa: Intercom, 15 a 17/5/2014. Disponível em: (<http://www.intercom.org.br>). Acesso em: 16/12/2015.

XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 34, 2012, Recife. **Ética e sexismo aplicada na Publicidade e Propaganda**. Recife: Intercom, 13 a 15/6/2012. Disponível em: (<http://www.intercom.org.br>). Acesso em: 16/12/2015.

XXXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 35, 2012, Fortaleza. **Mudança no uso das mídias sociais: sociabilidade para o bem ou para o mal**. Fortaleza: Intercom, 3 a 7/9/2012. Disponível em: (<http://www.intercom.org.br>). Acesso em: 04/12/2015.

XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 39, 2014, Foz do Iguaçu. **A Polidez como Estratégia na Comunicação do Preconceito Escolar**. Foz do Iguaçu: Intercom, 2 a 5/9/2014. Disponível em: (<http://www.intercom.org.br>). Acesso em: 16/12/2015.

XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 40, 2015, Rio de Janeiro. **A mulher na política e a influência dos discursos machistas nos meios de comunicação.** Rio de Janeiro: Intercom, 4 a 7/9/2015. Disponível em: (<http://www.intercom.org.br>). Acesso em: 16/12/2015.

XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 40, 2015, Rio de Janeiro. **Cyberbullying e violência na rede:** relações entre poder e desenvolvimento no litoral do Paraná. Rio de Janeiro: Intercom, 4 a 7/9/2015. Disponível em: (<http://www.intercom.org.br>). Acesso em: 16/12/2015.